

## Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoese@ufes.br



➤ Há 14 anos, pelo menos, recidivas anuais atestam a violação do direito à saúde. Diante da ausência de leitos, o chão dos corredores é o que restou

# Décadas dos corredores

Em 1998, o Hospital São Lucas “voltou a registrar superlotação. No pronto-socorro, com capacidade para 20 doentes, havia 78 pacientes nos corredores, deitados em macas, colchões e até lençóis” (A GAZETA, 1º/10). Há 14 anos, pelo menos, recidivas anuais atestam a violação do direito à saúde. Diante da ausência de leitos, o chão dos corredores é o que restou – quando não se morreu devido à falta de qualquer vaga.

Mais dois picos anuais da típica superlotação. Em abril de 2004: “No final da vistoria do secretário, os corredores voltaram a ficar lotados”. O filho de um paciente no corredor disse: “O cheiro é de urina, o calor que faz aqui é insuportável e o atendimento é péssimo”. Cinco anos depois, 2009, um médico desabafou: “Temos bons profissionais, mas não temos espaço para trabalhar. Chegamos a um caos no hospital, principalmente na sala de trauma”. Em 2011, nos 100 dias do governo Casagrande, o “atendimento foi suspenso no São Lucas por causa da superlotação; neste ano, é o “rascunho do inferno”.

O que as autoridades disseram ou prometeram?

1. Herança crônica. Em 2012, “iden-

tificamos uma herança de carência de leitos”, repete-se 1998: “ressalta que o hospital precisa de leitos de retaguarda”.

2. Transferência pós-crise. Em 2012, “14 pacientes tiveram alta e 12 foram transferidos”, e dois não tinham necessidade de estar internados, repisa-se 1998: “Estamos buscando transferir pacientes”. Acompanha a compra ou “credenciamento” de leitos em hospitais filantrópicos e particulares.

3. Prazos sem validade. Previu-se uma ampliação e reforma do São Lucas de 2000 a 2003. Cogitou-se outra em 2005, mas só começou em 2008. Prometeu-se a conclusão para 2010, adiou-se para 2012 – e, agora, para 2013.

4. Futuro do passado, De 2005 a 2012, o SUS perdeu 600 leitos. Os novos no São Lucas e Dório Silva reporão os perdidos e eliminarão gente dos corredores?

5. Prognóstico errado. Com os leitos do Hospital Central, projetou-se em 2005: “vão nos permitir diminuir muito a necessidade de internação nos corredores de hospitais”. Inaugurado com quatro anos de atraso, continuaram as cenas dantescas.

6. Gestão indigesta. Em 2012: “é preciso uma gestão maior”, lembrando 12 anos atrás: “implantar o sistema de gestão nos hospitais”.

Por fim, o discurso repetitivo que “saúde é prioridade”. Se não fosse, então, imagine qual seria o roteiro de outro filme de horror?